

LUCY MAUD MONTGOMERY

ANNE

DE INGLESIDE





LUCY MAUD MONTGOMERY

ANNE

DE INGLESIDE

Tradução
Rafael Bonaldi



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original
Anne of Ingleside

Revisão
Mariane Genaro
Fernanda R. Braga Simon

Texto
Lucy Maud Montgomery

Produção, projeto gráfico e diagramação
Ciranda Cultural

Tradução
Rafael Bonaldi

Imagens
Pavel K/shutterstock.com

Preparação
Karoline Cussolim

Ola-ola/shutterstock.com
Gizele/shutterstock.com

Texto publicado integralmente no livro *Anne de Ingleside*, em 2020, na edição em brochura pela Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a	Montgomery, Lucy Maud
	Anne de Ingleside / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi. - Jandira, SP : Principis, 2020. 336 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (v.6)
	Tradução de: Anne of Ingleside Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-149-8
	1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Título. III. Série.
2020-2255	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo 1	7
Capítulo 2	14
Capítulo 3	22
Capítulo 4	28
Capítulo 5	34
Capítulo 6	39
Capítulo 7	47
Capítulo 8	53
Capítulo 9	62
Capítulo 10	67
Capítulo 11	72
Capítulo 12	80
Capítulo 13	88
Capítulo 14	93
Capítulo 15	104
Capítulo 16	112
Capítulo 17	118
Capítulo 18	128
Capítulo 19	134
Capítulo 20	141
Capítulo 21	145
Capítulo 22	153
Capítulo 23	159
Capítulo 24	168

Capítulo 25	175
Capítulo 26	182
Capítulo 27	190
Capítulo 28	202
Capítulo 29	217
Capítulo 30	224
Capítulo 31	233
Capítulo 32	242
Capítulo 33	262
Capítulo 34	272
Capítulo 35	283
Capítulo 36	290
Capítulo 37	299
Capítulo 38	306
Capítulo 39	312
Capítulo 40	317
Capítulo 41	328



CAPÍTULO 1

– Como a luz da lua está alva nesta noite! – disse Anne Blythe a si mesma, enquanto atravessava o jardim da casa de Diana Wright em direção à porta da frente, onde caíam pequenas pétalas da cerejeira em flor, trazidas pela brisa salgada do mar.

Ela parou por um instante para observar as colinas e os bosques que amara em outros tempos e que ainda amava. Querida Avonlea! Glen St. Mary era o lar dela há anos, mas Avonlea tinha algo que a vila jamais teria. Fantasmas de si mesma espreitavam a cada curva. Os campos pelos quais havia vagado a recebiam. Ecos imperturbados da antiga e doce vida a envolviam. Cada canto em que os olhos dela pousavam tinha uma lembrança adorável. Aqui e ali havia jardins assombrados onde desabrochavam todas as rosas de outrora. Anne amava retornar a Avonlea, mesmo quando o motivo da visita, como aquele, era triste. Gilbert e ela tinham vindo para o funeral do pai dele, e Anne resolveu ficar por uma semana. Marilla e a senhora Lynde se recusaram a deixá-la partir tão cedo.

O antigo quartinho do sótão estava sempre pronto para recebê-la e, na noite em que Anne chegou, ela encontrou um grande e lindo buquê

de flores da primavera que a senhora Lynde havia posto. Quando Anne afundou o rosto no arranjo, era como se ele guardasse todas as fragrâncias dos anos esquecidos. A Anne-que-ela-costumava-ser estava aguardando por ela, e uma felicidade profunda e antiga remexeu-se no coração dela. O quarto do sótão estava abraçando-a, envolvendo-a, engolindo-a. Olhou com carinho para a colcha de folhas de macieira e os travesseiros impecáveis de bordado intrincado feitos pela senhora Lynde, para os tapetes trançados de Marilla no chão e para o espelho que refletira o rosto da pequena órfã, ainda inocente, que chorara até dormir na primeira noite naquela casa, tanto tempo atrás. Anne esqueceu-se de que já era mãe orgulhosa de cinco filhos e de que Susan Baker, lá em Ingleside, tricotava um novo par de sapatinhos misteriosos. Ela era, mais uma vez, a Anne de Green Gables.

A senhora Lynde a encontrou com o olhar perdido no espelho ao entrar trazendo toalhas limpas.

– É muito bom ter você aqui novamente, Anne, é isso o que é. Faz nove anos que você partiu, porém Marilla e eu ainda não conseguimos superar. Não estamos mais tão sozinhas depois que Davy se casou. Mille é realmente um amor e faz tortas ótimas! Embora faça mil e uma perguntas sobre tudo. No entanto, eu sempre disse e sempre direi que não existe alguém como você.

– Ah, mas este espelho não se deixa enganar, senhora Lynde. Ele está me dizendo, com toda a sinceridade: “Você já não é mais tão jovem” – disse Anne com um ar caprichoso.

– Sua pele continua linda – consolou-a a senhora Lynde. – Se bem que você nunca foi muito corada.

– Pelo menos não tenho nem sinal de queixo duplo – disse Anne, satisfeita. – E o meu antigo quarto se lembra de mim, senhora Lynde. Que bom, pois eu ficaria muito magoada se algum dia voltasse e descobrisse que ele me esqueceu. É maravilhoso voltar a ver a lua nascer sobre a Floresta Assombrada.

– Parece uma grande pepita de ouro no céu, não parece? – disse a senhora Lynde, sentindo um arrebatamento poético e grata por Marilla não estar por perto.

– Veja aqueles pinheiros pontudos destacando-se contra ela e as bétulas no vale ainda erguendo os braços para o céu prateado. Já são árvores imensas; eram apenas meros brotos quando cheguei aqui, e isso me faz sentir um pouco velha.

– Árvores são como crianças – disse a senhora Lynde. – É angustiante o quanto crescem se damos as costas a elas por um minuto. Eu preparei uma torta de frango para o jantar e também os meus biscoitinhos de limão. Não precisa ter medo algum de dormir nesta cama. Arejei os lençóis hoje, e Marilla também, já que não sabia que eu já tinha feito isso. E Mille, alheia a toda essa situação, pendurou os lençóis no varal pela terceira vez.

– A tia Mary Maria, Gilbert a chama assim, embora ela seja apenas prima do pai dele, só me chama de “Annie”. – Anne estremeceu. – Na primeira vez em que me viu depois que eu me casei, ela disse: “É tão estranho Gilbert ter escolhido você... Ele poderia ter se casado com tantas garotas bonitas...”. Talvez seja por isso que eu nunca gostei dela e sei que Gilbert também não gosta dela, por mais que ele seja apegado demais à família para admitir.

– Gilbert vai ficar por aqui por muito tempo?

– Não. Ele precisa voltar amanhã à noite. Um paciente dele está em condições críticas.

– Ah, bem, suponho que agora não haja mais nada que o prenda a Avonlea, já que a mãe dele faleceu no ano passado. O velho senhor Blythe nunca mais voltou a sorrir depois da morte dela e não tinha mais motivos para viver. Os Blythes sempre foram assim, sempre tiveram muita afeição às coisas terrenas. É muito triste pensar que não haja mais ninguém da família em Avonlea, e formavam um belo clã.

Em contrapartida, há um monte dos Sloanes. Os Sloanes ainda são os Sloanes, Anne, e sempre o serão, até o fim do mundo. Amém.

– Pois que a família continue crescendo. Vou sair depois de jantar e caminhar até o velho pomar sob a luz da lua e creio que terei de dormir depois disso, por mais que eu sempre tenha achado um desperdício dormir em noites enluaradas. Quero acordar cedo para assistir aos primeiros e débeis raios de sol despontarem sobre a Floresta Assombrada. O céu ganhará tons corais, e os pássaros se agitarão, talvez um pequeno pardalzinho cinza pouse no peitoril da janela, e eu contemplarei as flores douradas e violeta.

– Os coelhos acabaram com os canteiros de lírios – disse a senhora Lynde com tristeza enquanto descia as escadas, secretamente aliviada por não ter que continuar a falar da lua. Anne sempre foi um pouco peculiar. E, pelo visto, não havia mais esperanças de que fosse mudar.

Diana avançou pela entrada para encontrar-se com Anne. Mesmo sob o luar, era possível ver que os cabelos dela continuavam negros, as bochechas ainda eram rosadas, e os olhos, cintilantes. E o luar tampouco escondia que ela estava um pouco mais robusta do que nos anos anteriores, pois Diana nunca fora o que o povo de Avonlea chama de “magrela”.

– Não se preocupe, querida, não ficarei por muito tempo...

– Como se eu fosse me preocupar com isso – disse Diana, em tom reprovador. – Você sabe que prefiro passar a noite com você a ir àquela recepção. Tenho a sensação de que nunca nos vemos, e você vai embora depois de amanhã. No entanto, é o irmão do Fred, entende? Temos que ir.

– É claro. Não vou demorar. Eu vim pelo nosso velho caminho, Di, passei pela Bolha da Dríade, pela Floresta Assombrada, pelo seu velho jardim frondoso e por Willowmere. Eu inclusive parei para observar o reflexo invertido dos salgueiros na água, como costumávamos fazer. Como cresceram!

– Todos cresceram – disse Diana, com um suspiro. – Quando olho para o jovem Fred! Todos mudaram... Só você que não. Você não muda, Anne. Como se mantém tão magra? Olhe para mim!

– Você ganhou ares de matrona – riu Anne. – Todavia consegui escapar das garras da velhice, por ora, Di. Quanto a eu não ter mudado... Bem, a senhora H. B. Donnell concorda com você. Ela me disse no funeral que não pareço nem um dia mais velha. Já a senhora Harmon Andrews discorda. Ela disse: “Minha nossa, Anne, como o tempo passou para você!”. A beleza está nos olhos de quem vê ou na consciência. O único momento em que sinto que estou ficando velha é quando vejo as fotos nas revistas. Os heróis e as heroínas estão começando a parecer jovens demais para mim. Mas não se preocupe, Di. Amanhã voltaremos a ser garotas. É o que eu vim lhe dizer. Vamos tirar um fim de tarde para revisitarmos todos os nossos fantasmas, cada um deles. Passearemos pelos campos e atravessaremos o velho e frondoso bosque repleto de samambaias. Nada parece impossível na primavera, sabe? Deixaremos de nos sentir maternais e seremos tão imprudentes quanto a senhora Lynde ainda acha que sou no fundo do coração dela. Não é divertido ser sensata o tempo inteiro, Diana.

– Isso é tão a sua cara! Eu adoraria, mas...

– Nada de “mas”. Sei o que está pensando: “Quem vai fazer o jantar para os homens?”.

– Não exatamente. Anne Cordelia sabe preparar o jantar tão bem quanto eu, e tem apenas onze anos – disse com orgulho. – Ela já ia fazer isso, de qualquer forma. Eu ia à reunião da Sociedade Assistencial das Damas, mas decidi que não vou mais. Vou com você, e será como realizar um sonho. Sabe, Anne, em muitas tardes em me sento e finjo que somos garotinhas novamente. Levarei comida para nós.

– E nós comeremos no jardim de Hester Gray. Suponho que ele ainda exista.

– Creio que sim – disse Diana, hesitante. – Nunca mais voltei lá depois que me casei. Anne Cordelia gosta bastante de explorar e sempre

digo para que não se afaste muito de casa. Ela adora passear pelos bosques. Um dia, quando lhe dei uma bronca por falar sozinha no jardim, ela disse que não estava falando sozinha, mas que estava falando com o espírito das flores. Lembra-se daquele jogo de chá para bonecas com minúsculos botões de rosa que você lhe deu no aniversário de nove anos? Ela é tão cuidadosa que jamais quebrou sequer uma xícara. Ela só o usa quando as Três Pessoinhas Verdes vêm para o chá. Ainda não consegui descobrir quem eles são. Em certos aspectos, Anne, aquela menina é mais parecida com você do que comigo.

– Talvez haja mais em um nome do que Shakespeare¹ supôs. Não veja com maus olhos as fantasias da Anne Cordelia, Diana. Tenho pena das crianças que não passaram uns bons anos na Terra das Fadas.

– Olivia Sloane é a nossa professora agora – disse Diana, em um tom duvidoso. – Ela tem bacharelado em Artes, sabe, e só aceitou o emprego para estar perto da mãe. Ela diz que crianças devem encarar a realidade.

– Nunca achei que ouviria você concordar com “sloanismos”, Diana Wright.

– Não... não... NÃO! Não gosto nem um pouco dela, com aqueles olhos azuis redondos característicos da família. E eu não me importo nem um pouco com as fantasias da Anne Cordelia; são lindas, assim como eram as suas. Suponho que ela vivenciará a realidade o suficiente com o passar dos anos.

– Bem, então está combinado. Venha até Green Gables por volta das duas e nós tomaremos uma dose do licor de groselha da Marilla. Ela o prepara de vez em quando, apesar do que dizem o ministro da igreja e a senhora Lynde. Só para nos sentirmos realmente diabólicas.

– Você se lembra da vez em que me embebedou com o licor? – riu Diana, que não se importava com a palavra “diabólico” quando usada

¹ Referência à peça *Romeu e Julieta* (Ato II, cena II), do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616). (N. T.)

por Anne. Todo mundo sabia que ela não dizia essas coisas com seriedade. Era só a maneira de ser dela.

– Teremos um dia inteiro de “você se lembra?” amanhã, Diana. Não vou mais segurar você. Aí vem o Fred com a charrete. Seu vestido é lindo.

– Fred me fez comprar um novo para o casamento. Não acho que deveríamos gastar com essas coisas, já que acabamos de construir um celeiro, mas ele disse que não permitiria que a esposa parecesse que foi convidada e não podia ir, quando todas as demais estarão absolutamente empertigadas. Não é típico de um homem?

– Ah, você falou igualzinho à senhora Elliott, de Glen – disse Anne severamente. – Cuidado. Você gostaria de viver em um mundo sem homens?

– Seria horrível – admitiu Diana. – Sim, Fred, já estou indo. Ah, tudo bem! Até amanhã, Anne.

Anne parou na Bolha da Dríade a caminho de casa. Ela amava aquele velho riacho. Ele parecia ter guardado cada eco das risadas da infância dela e agora os devolia aos ouvidos atentos de Anne. Os velhos sonhos... ela podia enxergá-los refletidos na água límpida. As velhas juras, os velhos sussurros... E o riacho murmurava a respeito de todos eles, só que não havia ninguém para ouvi-lo além dos sábios e experientes abetos da Floresta Assombrada, que o escutavam há tanto tempo.



CAPÍTULO 2

– Que dia encantador, feito especialmente para nós – disse Diana.
– Receio que esse clima bom não durará muito. Vai chover amanhã.

– Não importa. Beberemos à beleza do dia de hoje, mesmo que o sol não apareça amanhã. Desfrutaremos da companhia uma da outra, mesmo que nos separemos amanhã. Veja aquelas colinas altivas, verdes e douradas, aqueles vales repletos de névoa azulada. São nossos, Diana, e não tem importância que aquela colina mais distante esteja na propriedade de Abner Sloan, porém hoje ela é nossa. O vento está soprando do oeste. Nosso passeio será perfeito.

E foi mesmo. Elas retornaram a todos os lugares queridos: a Travessa dos Amantes, a Floresta Assombrada, Idlewild, o Vale das Violetas, a Trilha das Bétulas, o Lago de Cristal, mas algumas coisas haviam mudado. As mudas de bétulas em Idlewild, onde elas tiveram uma casinha de bonecas muito tempo atrás, haviam se tornado árvores imensas; a Trilha das Bétulas, há muito abandonada, estava tomada de brotos de samambaias; o Lago de Cristal havia desaparecido completamente, deixando apenas uma depressão úmida coberta de musgo. No entanto, o Vale de Violetas continuava repleto de flores de cor púrpura, e a jovem

macieira que Gilbert descobrira nas profundezas do bosque era agora uma árvore enorme, repleta de minúsculos botões carmesim.

Elas caminhavam sem sombrinhas. Os cabelos de Anne ainda reluziam como mogno polido, e os cabelos pretos de Diana ainda eram lustrosos. Elas trocavam olhares felizes e reconfortantes, olhares de cálida amizade, às vezes andavam em silêncio, pois Anne sempre defendeu que duas pessoas que se entendem tão bem podiam sentir o pensamento uma da outra. Em outros momentos, elas pontilhavam a conversa com “lembra-se”. “Lembra-se do dia em que você ficou presa no telhado do poleiro dos Cobbs, na estrada Tory?”, “lembra-se de quando assustamos a tia Josephine?”, “lembra-se do nosso clube de histórias?”, “lembra-se da visita da senhora Morgan, quando seu nariz estava todo manchado de vermelho?”, “lembra-se de quando fazíamos sinal uma para a outra das nossas janelas com velas?”, “lembra-se de como nos divertimos no casamento da senhorita Lavendar e dos laços azuis da Charlotta?”, “lembra-se da Sociedade de Melhorias?”. Era como se pudessem ouvir as próprias gargalhadas ecoando ao longo dos anos.

Aparentemente, a Sociedade de Melhorias do Vilarejo de Avonlea não existia mais. Ela tinha sido desfeita pouco depois do casamento de Anne.

– Eles simplesmente não conseguiram mantê-la, Anne. Os jovens de Avonlea não são mais como os do nosso tempo.

– Não fale como se o nosso tempo já tivesse passado, Diana. Nós só temos quinze anos e somos almas amigas. O ar não está simplesmente repleto de luz; ele é feito de luz. E não duvido que asas tenham surgido nas minhas costas.

– Também me sinto assim – disse Diana, esquecendo-se de que a balança havia chegado aos setenta quilos naquela manhã. – Eu adoraria me transformar em um pássaro por alguns momentos. Deve ser maravilhoso poder voar.